

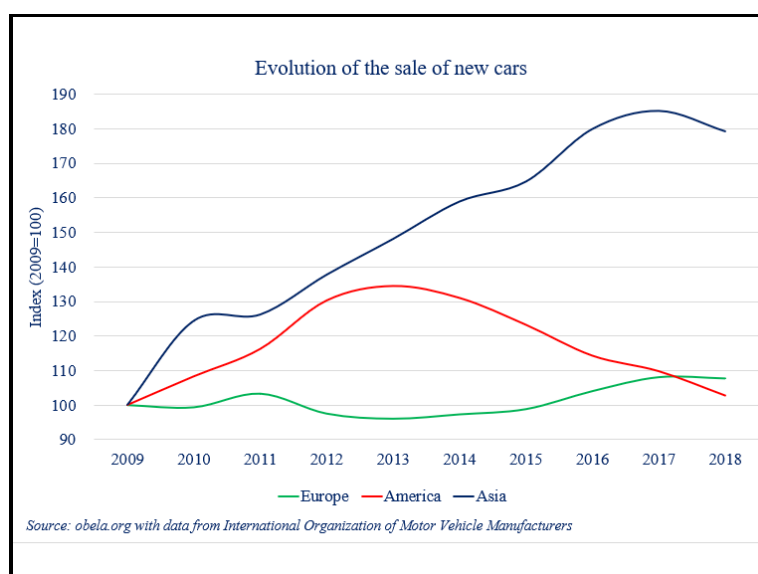
# A economia mundial: perspectivas para 2020

Autores: Oscar Ugarteche,<sup>1</sup> Alfredo Ocampo<sup>2</sup>

O ano de 2019 tem sido um dos mais complicados por muito tempo para vários países vistos de vários ângulos: crescimento econômico; coesão social; integração internacional e crise política. Ao longo do ano, as principais organizações internacionais reduziram a previsão de crescimento para a maioria das economias, como resultado de fatores que vêm surgindo há alguns anos: deterioração das relações comerciais, altos níveis de dívida, concentração de renda, fluxos migratórios, racismo e uma queda no investimento produtivo.

Desde a crise de 2008-2009, houve um alto crescimento estável na Ásia e um crescimento lento nos Estados Unidos, Europa, América Latina e África, que aparentemente atingiram um limite. Houve uma queda no comércio mundial desde outubro de 2018 como resultado das guerras comerciais americanas; protestos sociais de vários tipos em pelo menos 16 países ao redor do mundo e conflitos geopolíticos como o brexit, que gerou muita incerteza durante o ano e que hoje é mais do que selado após a esmagadora vitória dos conservadores nas últimas eleições. Tudo isso impactou o investimento privado no curto e no médio prazo.

Uma das principais razões para o baixo crescimento do velho continente tem a ver com a desaceleração alemã, que realizou reformas para implementar uma mudança na indústria automotiva. Isso envolveu uma maior regulamentação em termos de emissões de CO2 com a mudança de motores de energia fóssil para elétricos. Segundo o Financial Times, em novembro deste ano foram anunciadas 20.000 perdas de empregos entre a Mercedes-Benz e a Audi, como um sinal da mudança tecnológica nesse setor.

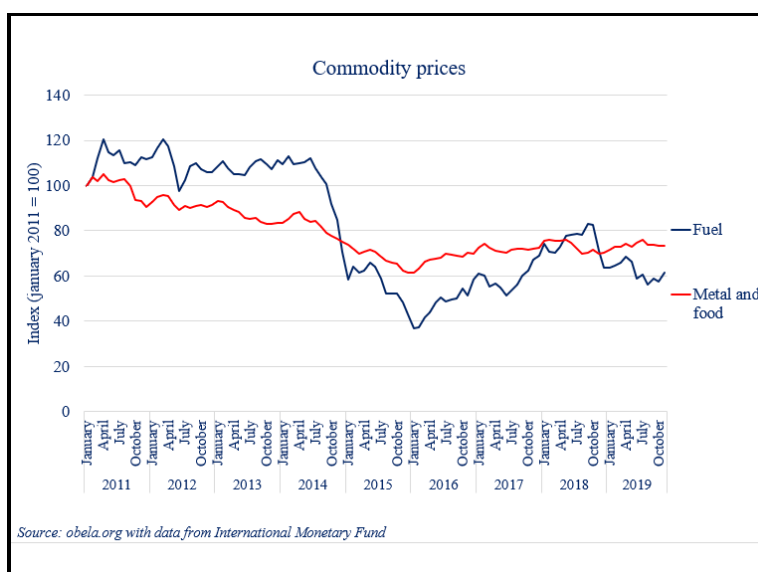


<sup>1</sup> Instituto de Investigações Econômicas da UNAM, coordenador do Projeto Obela.

<sup>2</sup> Departamento de Economia, UNAM, membro do Projeto Obela

Uma das principais razões para o baixo crescimento do velho continente tem a ver com a desaceleração alemã, que realizou reformas para implementar uma mudança na indústria automotiva. Isso envolveu uma maior regulamentação em termos de emissões de CO2 com a mudança de motores de energia fóssil para elétricos. Segundo o Financial Times<sup>3</sup>, foram anunciadas 20.000 perdas de empregos em novembro deste ano entre a Mercedes-Benz e a Audi, como um sinal da mudança tecnológica nesse setor.

Note-se que até agora em 2019, a China tem sido um dos principais promotores da mudança para a energia limpa, com a Ásia liderando a mudança para veículos elétricos. Os Estados Unidos, por outro lado, são promotores de energia suja. No entanto, as vendas de veículos novos na Ásia também diminuíram, assim como na América e na Europa, como mostra o gráfico acima. Até 2018, as vendas de carros elétricos estarão centradas na Ásia, seguidas pela Europa e depois pelos Estados Unidos, com 57%, 26% e 15% do mercado mundial, respectivamente. Outro fator que contribui para a desaceleração econômica é a tendência de queda do comércio mundial, que se reflete em uma queda nos preços de matérias-primas e de energia, que desde 2011 apresentam uma tendência de queda, como mostra o gráfico. O índice de preços do metal também está em declínio, mas como inclui o ouro, que está em alta, o preço médio é estável.



Em 13 de dezembro deste ano, os Estados Unidos e a China anunciaram "a primeira fase de um acordo" que implica um adiamento de aumentos de tarifas pelo país dos EUA que entraram em vigor em 15 de dezembro deste ano. Nossa hipótese é que eles estejam passando por um período de trégua, como no fechamento do ano passado. Com as eleições quase chegando, parece não haver muito espaço para uma escalada de tensões no comércio no futuro imediato. Entre as questões acordadas estão as revisões de políticas de propriedade intelectual, transferência de tecnologia e taxa de câmbio, que geraram hostilidade.

É importante observar que ainda não foi acordada a eliminação de tarifas que já entraram em vigor. Desta vez, as negociações por parte do país americano parecem ser motivadas por fatores políticos internos dos EUA, dado que o presidente Trump está no caminho da reeleição. Com o impeachment aprovado pela Câmara dos Deputados, ele precisava de algo positivo para minimizar o problema. Em sua turnê eleitoral, ele poderá

se gabar dos recordes do mercado de ações e das compras que a China prometeu fazer de seus produtos agrícolas, dois fatores-chave em sua campanha. Nesse contexto, os mercados parecem ser incentivados pela trégua, embora a base sobre a qual os ganhos do mercado de ações sejam construídos pareça fraca.

Embora a economia dos EUA tenha visto um crescimento menor este ano do que em 2018, espera-se uma desaceleração adicional em 2020, como esperávamos no início de 2019. O Federal Reserve em sua última decisão de política monetária do ano optou por manter o benchmark de títulos federais. Uma taxa na faixa de 1,5 a 1,75%, embora a previsão seja de que quando a desaceleração econômica se intensificar, serão feitos cortes adicionais, levando a uma série de cortes em todo o mundo no próximo ano. Isso pode gerar oportunidades de arbitragem para países emergentes com impacto na taxa de câmbio em relação a outras moedas. O efeito final pode ser negativo para o comércio internacional, o que significaria mais um fator para a desaceleração dessas economias.

Espera-se que a tendência geral da economia mundial continue em ritmo lento na maioria das economias, com o claro contraste das economias asiáticas que continuarão a crescer três vezes mais rápido que o Ocidente, o que poderia ser afetado principalmente pelos protestos em Hong Kong e Índia. Para as economias avançadas, o prognóstico é cinzento, porque os problemas da União Europeia não terminam com a saída do Reino Unido.

A Polónia poderia ser candidata a um Pólexit, tendo em conta as críticas às suas políticas nacionalistas. Por outro lado, as Américas Central e do Sul enfrentam uma situação bastante complicada em várias frentes, com instabilidade política, interferência aberta dos Estados Unidos e baixos preços de matérias-primas, o que impactou significativamente o crescimento econômico, estando junto à África, áreas que crescerá menos neste ano e no próximo. O país-estrela, a Bolívia, foi retirado de sua trajetória de crescimento com um golpe de Estado e deve desacelerar em 2020.